

Mãos de cavalo – análise e aplicação em sala de aula

Vivianne Fleury de Faria¹

Resumo

Neste artigo, por um lado, apresentamos uma análise do romance *Mãos de cavalo*, de Daniel Galera, indicado pra o vestibular da UFG 2012. Nossa expectativa é de que esta análise auxilie os professores na abordagem do romance, já que há poucas disponíveis. Por outro lado, partir desta análise, procuramos demonstrar como este romance foi aceito e assimilado pelas turmas de 3º ano do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação /UFG.

A questão da leitura

Uma das questões mais premente entre os professores de Língua Portuguesa é a leitura. Nesta tarefa, um dos obstáculos enfrentados pelos professores é que nem sempre os alunos estão dispostos a ler, por exemplo, clássicos da literatura brasileira, cuja linguagem e temática não lhes são familiares. Mais que leitores, a escola importa formar leitores críticos da realidade. Para Silva,

A observação crítica pela escola, do que ocorre na sociedade é de fundamental importância ao trabalho de delineamento de objetivos para as práticas de leitura – práticas estas que, no seu conjunto, tem em mira a educação de um tipo específico de leitor. Leitores e leitura para quê? Para a reprodução ingênua desta sociedade ou para o enfrentamento de suas contradições e de seus desafios? (SILVA, 2011, p. 64)

Este é um problema que também enfrentamos no CEPAE \ UFG – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação. Para os professores do 3o. ano do Ensino Médio, o desafio é convencer os alunos a empreender a leitura dos livros indicados para o vestibular. Por mais que o vestibular não seja o fim último da educação, nem mesmo no ensino médio, cabe ao professor oferecer todas as condições para este aluno ingressar em uma universidade pública e de qualidade.

Apesar de ser perceptível que o nosso aluno de 3o ano já dispõe de alguma experiência com análises literárias, algumas obras são de difícil penetração no universo destes

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela UnB, professora efetiva de Língua Portuguesa do Centro de Ensino Aplicado à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG). (vivifleury@hotmail.com)

adolescentes. Com efeito, haja vista que nesta instituição a prática de leitura é uma prerrogativa do ensino de Português, os alunos sempre afirmam a predileção por obras contemporâneas e, de preferência, referentes a assuntos próximos a sua realidade. De fato, eles demonstram a dificuldades de apreensão de obras que não se enquadrem nestes padrões.

Por isso uma boa surpresa é o romance de Daniel Galera, *Mãos de Cavalo*, indicado para o vestibular da Universidade Federal de Goiás, de 2011/12. A obra é um sucesso entre os adolescentes. Sua linguagem próxima – o romance ambienta-se nos anos 90 – sua temática adolescente – o autoconhecimento de um jovem em meio a medos e desafio próprios da idade – tornam agradável aos alunos a sua leitura para os alunos cuja faixa etária vai de 15 à 18 anos.

Neste ensaio pretende-se, a partir da análise da obra, expor a experiência desenvolvida com as turmas de 3o ano do CEPAE/UFG e investigar a motivação que faz desta obra um sucesso entre os alunos do Ensino Médio.

A análise em sala

Importa, por um lado, levar os alunos perceber as características deste gênero literário, no caso o romance, identificando os paradigmas ficcionais engendrados na obra e, por outro, provocá-los a perceber o jogo simbólico implícito e sua mensagem latente. Trata-se, portanto, de assistir a esta narrativa também pelo viés histórico, a fim de debater a questão da construção da democracia nos últimos 20 anos no Brasil. Para Silva,

Creio não estar errado em afirmar que, ao nível das intenções, todos nós desejamos formar leitores questionadores, capazes de se situar conscientemente no contexto social e, ao mesmo tempo, capazes de acionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar da conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos. Em princípio, então, queremos educar e promover um tipo de leitor que não se adapte ou se ajuste inocentemente à realidade que está aí, mas que, pelas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social. (SILVA, 2011, p. 64)

Em termos gerais, *Mãos de cavalo* é um romance narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente e intruso. Este narrador intercala as narrativas das aventuras de Mãos de Cavalo, dos dez aos quinze anos de idade, e de Hermano, cirurgião plástico, das 6 às 8 da

manhã. Apenas na metade da narrativa o leitor pode ter certeza de que se trata da mesma personagem, em duas fases de sua vida. Por vezes, a voz deste narrador entra em confluência com a voz de Hermano quando jovem. Nestes momentos é como se o narrador dividisse com a personagem seu entusiasmo pela velocidade e pelo perigo. Percebe-se aí uma clara influência das narrativas de heróis em quadrinhos. Como em:

Não há terreno impossível para o ciclista urbano. Suas pernas possantes forçam alternadamente os pedais, direita, esquerda, direita, esquerda, medindo a inclinação da subida a partir da força exigida dos músculos da coxa e da panturrilha em cada volta completa da coroa dianteira. (...) Cinco quarteirões até chegar na Faixa. Conhecer cada metro daquele trajeto de cor não torna o desafio menos perigoso para o Ciclista Urbano. (GALERA, p. 9)

Não foi difícil para os alunos perceberem que a voz citada não é apenas do narrador, mas que inclui a voz do herói. Afinal, Mãos de cavalo sempre se sente observado, haja vista a citação que abre o romance do ator Nicolas Cage². De fato, para o personagem a vida é uma narrativa filmográfica. Não por acaso a narração de seus feitos ‘heróicos’, como este transcrito, tem a cadência de uma narrativa de aventuras, que enaltece o herói. Esta mudança de gradação foi facilmente apreendida pelos alunos. Observe-se, a este respeito, a mudança de tom no mesmo capítulo quando pela primeira vez, entre outras, Hermano cai. Percebe-se então que a voz do narrador está agora só, o herói não mais compartilha a narração: “Ele não é mais o ciclista urbano. Agora é apenas um guri de dez anos”. (GALERA, p. 16)

Continuando a investigação acerca dos paradigmas ficcionais, é aparente que este romance apresenta uma configuração espaço temporal complexa. Alternam-se capítulos da história do menino, dos dez aos quinze anos, e do adulto, Hermano, com trinta anos, das 6h08 às 8h04 da manhã. Dentro destas histórias, que apenas no capítulo 6h23 pode-se dizer com certeza ser a mesma personagem em diferentes etapas da vida – mas com as mesmas obsessões – também há dois tempos, o tempo ‘presente’ da narração, e o tempo da memória.

Assim, por exemplo, quando o herói adulto está em seu carro rumo à casa do amigo Renan, relembra outros episódios de sua vida de adulto, como o encontro com sua mulher, o parto complicado da filha, uma escalada. Mãos de cavalo, por sua vez, alterna suas lembranças do presente da narração com as lembranças pouco recuadas no tempo.

² Eu caminhava para a escola e ia imaginando planos em que uma grua subia aos poucos e me via lá embaixo como um pequeno objeto no meio da rua, caminhando para a escola.

Em vários sentidos, segundo esta análise, é sintomático o fato de o romance escorar-se em uma estrutura temporal dúplice. Com efeito, de acordo com Bastos (2005) e outros autores, nos países latino-americanos vivemos duas temporalidades, referentes ao atraso e ao progresso. Esta seria a forma de pertencermos ao moderno capitalismo ao mesmo tempo em que mantemos estruturas arcaicas de produção, que sustentam nossa dependência dos países ‘desenvolvidos’. O atraso, neste caso, não é oposto ao progresso, mas inerente a ele na América Latina. (BASTOS, 2005) De acordo com o autor:

El par local/ universal se enuncia como arcaico/moderno, atraso/ progreso, periferia/ centro. En todas las formulaciones se entiende que las sociedades latinoamericanas viven al mismo tiempo dos temporalidades, que es su forma de pertenecer al sistema-mundo capitalista. (BASTOS, 1998, p. 35)

Como no Brasil não contamos com uma verdadeira revolução, não houve a substituição das classes dominantes que trariam a sucessão dos antigos modos de produção pelo capitalismo moderno. No país, a burguesia se originou das elites oligárquicas que, atendendo à demanda das elites estrangeiras, levaram o moderno capitalismo a escorar-se nos modos arcaicos de produção para se estabelecer, o que instaurou a vigência no continente de uma *temporalidade dupla*, arcaico-moderna, ainda hoje em curso. 3

Com efeito, Hermano está preso entre dois mundos: entre o tempo/espço da sua infância, no subúrbio de Porto Alegre – leia-se espaço arcaico –, onde e quando aconteceu o fato que nortearia toda sua vida; e o tempo/espço do adulto, a bordo de seu “Mitsubishi Pajero TR4” – leia-se agora espaço moderno – totalmente vinculado a primeira fase de sua vida, incapaz que sente-se o herói em desvencilhar-se da tragédia que ocorreu na sua adolescência.

O conflito modernizador latino-americano é representado na obra de Galera tanto por meio do drama individual do herói submetido a tal processo, quanto pelos procedimentos formais engendrados na obra, como os paradigmas do tempo/ espaço e ação. Este conflito é ainda sobredeterminado pela situação de dependência da literatura brasileira em relação às

3Tema recorrente na crítica dialética, sobre a duplicidade temporal da América Latina ver BASTOS, Hermenegildo. *Reliquias de la casa nueva. La narrativa latino-americana: el eje Graciliano – Rulfo*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

literaturas matrizes. As literaturas de nações colonizadas, como é o caso de todas as nações da América Latina, mostram-se profundamente dialéticas, uma vez que resultam do confronto entre a matéria local, ou seja, as particularidades de uma cultura ou região, e os modelos estrangeiros impostos ao longo do período de colonização e ainda hoje vigentes, como a língua, os costumes e a visão de mundo das metrópoles colonizadoras.

É este confronto o que confere o caráter de dependência a essas literaturas que são, ao mesmo tempo, suficientemente autônomas para representar o processo histórico latino-americano. As literaturas latino-americanas subvertem seus modelos europeus ao ponto de projetarem, de sua perspectiva particular, sua própria universalidade (BASTOS, 1998, p. 100), apesar de não deixarem de ser desdobramentos das literaturas europeias.

Segundo nossa análise, o conflito modernizador está presente em *Mãos de cavalo* na cindida e dilemática personagem Mãos de Cavalo\Hermano, sobressaltada por índices aterradores de um passado que não se conclui e de um futuro que não chega. Não por acaso, o romance termina na parte do adolescente, ou seja, não há desfecho, no sentido tradicional, para esta narrativa.

Para o herói, a construção de uma Porto Alegre moderna não impediu a continuidade do atraso. Não por acaso, Bonobo foi morto dentro de um buraco feito para a nova iluminação pública. Não por acaso também, Mãos de Cavalo não vê com bons olhos as mudanças empreendidas em seu bairro e arrepende-se de ter feito seus pais saírem de lá. É o que se percebe da leitura dos trechos abaixo:

O nome suscita uma nostalgia difusa, não de todo agradável, pra dentro da qual tem a sensação de penetrar fisicamente ao deixar o último trecho reformado da Aparício Borges e prosseguir caminho naturalmente pela avenida Teresópolis, que segue em obras por uma centenas de metros até dar lugar a um cenário que lhe parece preservado, com o mesmo asfalto antiquado e os canteiros centrais com árvores enormes que lembrava ver com frequência até uns cinco anos atrás, quando ainda morava na zona sul e costumava passar por ali. Fantasia que a construção interminável da Terceira Perimetral é uma ameaça que o persegue e contra a qual agora, dentro do carro, está apostando uma corrida, como já tinha apostado corrida contra a sombra de nuvens em estradas. Como um fluxo piroclástico, o concreto das novas avenidas avançava como uma onda gigante e vinha cobrindo o asfalto, as calçadas, as árvores, os pontos de ônibus e os veículos atrás dele, e era necessário afundar o pedal do acelerador e chegar à Esplanada antes que fosse tarde. (GALERA, 2010, p. 96)

Também a descrição, por vezes extremamente minuciosa ou o exacerbamento desta modalidade linguística, é algo digno de nota. Por vezes o narrador utiliza a variante linguística

de um especialista daquilo que descreve, o que deixa entrever novamente a personagem por trás do narrador, ou junto a ele. O tempo é paralisado enquanto o narrador descreve minúcias que a princípio parecem obsoletas e desnecessárias. Segundo Lukács (1965), a diferença entre narrar e descrever é a diferença entre observar e intervir na realidade. O observador descreve, o participante narra. Infere-se que, por um lado, a postura do observador é coerente em uma narrativa em que, como já salientamos, o herói sente-se atuando em um filme. Por outro lado, a postura do narrador de *Mãos de Cavalo* está de acordo com o momento histórico definido na obra – os anos 90 pós ditadura no Brasil, um tempo em que, se não é mais (tanto) de coerção, é ainda de assimilação e de reestruturação da sociedade e do pensamento.

Neste sentido, como muitos outros romances brasileiros, *Mãos de Cavalo* é uma narrativa da modernização. No romance, o projeto modernizador é representado pela ambígua perspectiva de Hermano. Como pretendemos demonstrar, esta personagem revela o engano da história oficial do Brasil ao evidenciar que a promessa de ‘país do futuro’ não se concretizou, apesar das promessas do poder estabelecido após o golpe militar. Esta constatação é mais significativa no contexto da década de 90, momento em que predominava a expectativa de mudança após um longo período de manipulação das informações por parte de um governo autoritário. O governo caiu, mas não sua ideologia.

Por último, e não menos importante, uma constatação no romance que cumpre o analista investigar é a obsessão do herói pela queda e pelo sangue. Os alunos do CEPAE chamaram a atenção para este aspecto marcante da narrativa. Em tempos de vampiros glamourosos, eles também alados – potencialmente dotados para queda – e imortais, uma questão está aberta a investigação: por que os adolescentes têm tanto fascínio por estes temas?

Com efeito, tanto a criança quanto o herói na fase adulta demonstram obsessão pela verticalidade e pelo sangue. A criança lança-se do alto de escadas para, como diz, sangrar; o adulto tornou-se cirurgião plástico para, como diz, lidar com sangue, e também se joga, atado a equipamentos de alpinista, dos mais altos picos da América Latina. Não seria demais notar que o sangue aqui pode ser visto como uma metonímia da violência, tema caro aos adolescentes em geral. Este tema assume, no momento histórico da narrativa, um sentido alegórico. Se ainda no Brasil convivemos com signos da ditadura, como uma polícia brutal, que tortura e mata, como com uma ideologia da impunidade, esta situação era muito mais evidente nos anos 90. O fascínio que as personagens nutrem pela violência física, como da

auto-violência e a violência psicológica representa nesta narrativa marca indelével dos anos chumbo por que o país acabava de passar.

Em *Mãos de cavalo*:

Usou o degrau e tijolos para facilitar a subida na calçada e quando se lançou escadaria abaixo já estava em alta velocidade. Continuou girando os pedais com toda força que tinha. Ninguém jamais desceria aquela escadaria mais rápido do que ele estava descendo agora. Era impossível. Tinha a impressão de que as rodas nem tocavam o chão. O mundo ao seu redor se transformou em um borrão e seus olhos lacrimejavam com o vento. Nos primeiros segundos de descida, percebeu que já não tinha controle da bicicleta. Mesmo assim continuou pedalando mais e mais. Sabia que ia cair. E todos iam ver ele cair. Enquanto descia, teve consciência de que era apensa isso que o movia a descer aquela escadaria tantas vezes, a possibilidade da queda, de se arrebentar no chão. E essa seria a mais espetacular de todas. Era o que tinha a dizer às pessoas lá em cima. Estava pronto pra sangrar. Era seu talento. Se Bonobo tinha sido capaz de bater em vinte ao mesmo tempo, agora ele seria capaz de cortar, quebrar, ralar, escoriar, debulhar, raspar, fraturar, arranhar, perfurar e esmagar seu próprio corpo de um jeito que ninguém jamais esqueceria. (GALERA, p.91)

Esse trecho, retirado do romance *Mãos de cavalo*, ilustra perfeitamente a atitude do herói do romance de Daniel Galera. Hermano é fascinado pela altura, na medida em que a altura pode levá-lo à queda. É assim que o encontramos já no início do romance sobre sua “Caloi Cross aro 20” zunindo pelas ladeiras de Porto Alegre, aos dez anos de idade. Assim o encontramos na ocasião do entrecho acima, lançando-se da escadaria do seu bairro, e da mesma forma o encontraremos, já médico cirurgião plástico bem sucedido, como alpinista que almeja chegar aos picos mais inóspitos da América Latina. Como o narrador nos informa no fragmento acima, Hermano almeja a queda, a sua possibilidade o move em todos os aspectos de sua vida.

De fato, o desejo de ascensão, e a conseqüente possibilidade queda, da personagem é tão recorrente que cabe investigar seu significado. O mito da queda, de natureza transgressora, encontra atualização nesta obra. Segundo uma das versões mais difundidas do mito, Adão teria provado da árvore do conhecimento por interferência de Eva e a partir de então se tornou mortal. Outra variação do mito, também bíblica, narra a queda de Lúcifer das esferas celestes para os confins do Inferno. Segundo Gilbert Durand, o mito da queda, bem como outros mitos de natureza transgressora, expressa o inconformismo humano diante da morte e do *devoir*. De maneira que as representações da verticalidade ascendente, significando purificação, e descendente, significando o oposto, a mácula do pecado original, simbolizam a luta vã do ser humano contra a morte:

A terceira grande epifania imaginária da angústia humana, diante da temporalidade, parece-nos residir nas imagens dinâmicas da queda. (...) o recém-nascido é de imediato sensibilizado para queda: a mudança rápida de posição no sentido da queda ou no sentido de endireitar-se desencadeia uma série reflexa dominante, ou seja, inibidora dos reflexos secundários. O movimento demasiado brusco que a parteira imprime ao recém-nascido, as manipulações e as mudanças de nível brutais que se seguem ao nascimento seriam, ao mesmo tempo, a primeira experiência da queda e a primeira experiência do medo. Haveria não só uma imaginação da queda, mas também uma existência temporal, existencial (...) a queda estaria assim do lado do tempo vivido. (...) O engrama da queda é, com efeito, reforçado desde a primeira infância pela prova da gravidade que a criança experimenta quando da aprendizagem penosa do andar. O andar passa de uma queda corretamente utilizada como suporte da postura vertical, e cuja falha é provada por quedas reais. (...) a queda resume e condensa os aspectos temíveis do tempo, dá nos a conhecer o tempo que fulmina. (DURAND, 1997, p. 107)

Mãos de cavalo realmente nutre grande fascínio pelo sangue e pela verticalidade, ou seja, pelo perigo. Em certo sentido este fato demonstra uma grande inconformidade diante da vida. De fato, pela leitura do trecho é perceptível que o herói ostenta uma atitude suicida ou, no mínimo, auto-flageradora. Mãos de cavalo/ Hermano desafia a morte, e a vence, como nos episódios do assassinato de Bonobo, e do nascimento de sua filha. Hermano vence a morte a cada vez que opera e rejuvenesce uma de suas pacientes. Sua luta continua até o fim do romance, quando ele salva o adolescente João, personificação de Bonobo, mas até quando poderá vencê-la?

A aplicação

Nesta seção apresentamos uma narrativa produzida por uma aluna do 3º ano. Mais do que observar os erros na elaboração desta redação importa aqui observar os ganhos proporcionados pela leitura de um romance, já que o foco deste artigo está na leitura e sua importância para a percepção da realidade por parte dos alunos. Como resultado desta abordagem crítica da obra, foi indicada a seguinte proposta de redação:

Escreva uma narrativa em forma de conto a partir da leitura do fragmento a seguir e levando-se em consideração a leitura do romance *Mãos de Cavalo*:

Quase duas horas depois, pagou o refrigerante e foi de ônibus para casa. Naiara já tinha ido havia muito tempo. Seus pais o haviam encontrado sozinho no bar, mas ele dispensou a carona e disse que voltaria por conta própria. Durante o trajeto, foi retocando e simplificando seus planos. Agora sabia exatamente o que fazer. Não seria necessário fugir nunca mais. (GALERA, p. 187)

Minhas marcas me ajudam a viver.⁴

A vida é uma dádiva maravilhosa que Deus nos proporciona. Viver para mim é maravilhoso mesmo com tantos problemas que eu sou obrigada a enfrentar.

Desde pequena sempre vi a vida nos melhores ângulos possíveis sem sofrer grandes traumas como muitas crianças sofrem e por conseqüência disso achava e acreditava que na minha vida inteira seria e veria a vida sem problemas e sem defeitos.

Quando completei meus dez anos comecei a perceber que talvez a vida não fosse cem por cento perfeita. Como um dia imaginei. Comecei a me dar conta que meu pai não iria mais morar comigo apesar de que já tinha quatro anos que meus pais estavam separados. Foi aí que eu percebi que a vida realmente não era do jeito que eu jurava ser.

Minha mãe casou-se e teve mais um filho. A forma como tudo aconteceu foi tão rápida que eu cheguei a duvidar se aquilo realmente estava acontecendo porque para mim ter um outro homem sem ser meu pai convivendo no mesmo lugar que eu e dormindo com minha mãe não era uma coisa que me agradava.

Esse foi o primeiro fantasma, problema, trauma, pode classificar da forma que você achar melhor, mas para mim são todos esses conceitos. Ao passar do tempo esse fantasma parou de me assombrar e eu comecei a conviver com isso e convivo até hoje.

Outros problemas foram vindo, mais consegui enfrentá-los com grandes dificuldades e sempre me trazendo um aprendizado. Fui aprendendo com o tempo que os problemas vem, mas não para tornar a vida complicada ou para nos fazer desistir, e sim para nos tornar mais fortes, nos ensinar que depois da luta vem a vitória e nos fazer amadurecer e aprender a viver.

⁴ Esta narrativa foi transcrita tal como a aluna entregou, sem correções.

Aprendi nesse pouco tempo de vida que existem coisas que acontecem com a gente onde com o passar do tempo ficam traumas e feridas que muitas vezes demoram a passar, mas eu tenho que aprender a viver com elas sem que me atrapalhem a conviver.

Viver exigiu que eu aprendesse a perder, não só perder coisas materiais, mas a perder coisas valiosas como foi perder a minha avó paterna e tive que aprender a conviver com a dor e a saudade, coisa que eu não imaginava ter que aprender tão cedo.

Hoje eu sei que ainda preciso aprender muitas coisas para viver, mas garanto que se hoje tenho o equilíbrio é graças aos meus grandes traumas, fantasmas e marcas que restaram.

A aluna escreveu um texto muito mais dissertativo do que narrativo, e este é seu primeiro problema. Outras inconsistências dizem respeito a pouca densidade da narrativa, a falta de um fato ou ação central, a redundância, entre outros problemas de ordem semântica e sintática.

Contudo aluna soube aproveitar a leitura de *Mãos de cavalo* como forma de superação de seus próprios problemas. Interessante notar como ela relacionou suas dificuldades na vida – traumas, fantasmas, como ela diz – com a narrativa em questão. Enquanto o herói buscava marcas “reais”, cicatrizes de fato, das quedas que ele mesmo se impunha, a aluna entende que as suas marcas, indeléveis, a transformaram em uma pessoa mais forte e madura.

Assim a separação dos pais e a morte da avó estão aqui relacionadas às quedas – sentido figurado ou não – pelas quais passou o herói. Neste sentido, infere-se, foi profundamente proveitosa a leitura do romance pela aluna. Ainda que, fatalmente, ela precise praticar a escrita, sua percepção da narrativa para nós foi proveitosa.

Conclusão

A trajetória de Hermano Mãos de Cavalo é uma travessia, travessia que ele não completa, haja vista que o último capítulo está no tempo da adolescência do herói. A personagem supõe que encontrou seu caminho – *Agora sabia exatamente o que fazer. Não*

seria necessário fugir nunca mais –, mas o leitor sabe que a sua busca ainda continuará na vida de adulto. *Mãos de Cavalo*, enfim, é um romance sobre a busca da identidade, em um momento em que o Brasil também buscava uma identidade nacional, os anos pós ditadura.

É o que se depreende da leitura do último capítulo de *Hermano* adulto. Ele acabara de encontrar Naiara, personagem a quem se liga por uma culpa do passado:

Ficam um tempo em silêncio, sem saber mais o que dizer. Naiara enche uma chaleira e põe a água pra ferver no fogão. A janela está aberta e o sol já está rachando do lado de fora. Ela pergunta se ele toma chimarrão mas ele não responde. Apenas levanta da cadeira. Está na hora de ir. (GALERA, 2010, p. 179)

Referências bibliográficas

ABDALA, Benjamin Jr. *Literatura: história e política*. São Paulo: Ática, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo, Hucitec, 2002.

BASTOS, Hermenegildo. **A permanência da literatura**. In: *Cerrados* – Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura. Brasília, Ano VII, no. 8, 1998b.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 2002.

_____. **Realidade e Realismo (via Marcel Proust)**. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1982.

GALERA, Daniel. *Mãos de cavalo*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do romance*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

LUKÁCS, Georg. **Narrar ou descrever**. . In *Ensaaios sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p.29.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *A leitura no contexto escolar*. www.crmariocovas.sp.gov.br